



# Tancredo volta para o adeus

José Duílio  
Editor de Cidade

Não era assim que o brasileiro desejava receber seu presidente: um esquife, uma bandeira, e seu corpo inerte. Não era assim que o povo aguardava seu regresso à cidade que o consagrou como o artífice da Nova República. Todos ansiavam por uma festa que não se realizou no dia de sua posse. E aquele sorriso de confiança, a mão erguida simbolizando novos rumos para a vida brasileira, de repen-

te se transforma num adeus. Não era assim que o brasileiro queria receber Tancredo. A Paixão do Presidente foi a agonia de todo o povo brasileiro que não o esqueceu em sua fé, suas orações e pedidos a Deus pela sua presença de corpo e alma entre um povo sufocado por vinte anos de sofrimentos, incertezas e deboches. Ninguém quer entender por que razão Deus o levou. Todos se sentem órfãos de um pai, do avô, do amigo, do conciliador. E na expressão do pequeno Tarciso, de 6 anos, ao receber o impacto da morte do Pre-

sidente: "Não chore mamãe. Seu coração não morreu. Este estará presente no coração de outra pessoa". O que se respirou durante os 39 dias que Tancredo ficou entregue às mãos de Deus foi esperança, a mesma que ele prometia de braços levantados quando ergueu a bandeira da democracia. Tancredo era a luz que o povo queria ver brilhar à frente da Nação. Era homem escolhido pela fé, pela determinação. Era a paz que o povo precisava. Não era assim que o povo queria receber seu presidente. Mas, Deus sabe o que faz.

Silas Vilárins

Tancredo foi e deixou um legado muito grande. Uma lição de sabedoria. Seu martírio foi o entreato de um espetáculo que ele criou e não viu seu final. Ficou ausente o ator principal simbolizado apenas na bandeira que levantou e defendeu diante de seus irmãos, de seus 130 milhões de admiradores. E esse show seria mostrado no dia 15 de março e se transferiu para outra data, uma data indeterminada, sem dia, hora e nem local. O momento que se perdeu dentro de cada um. E hoje, o brasileiro recebe o corpo de

Tancredo não só com as lágrimas nos olhos, mas com a esperança que ele transmite. E os braços erguidos, bandeiras nas mãos e o grito aberto na garganta: "O povo está nas ruas, a luta continua". Lá em cima, seu espírito afastado de nós, transformando numa imensa estrela, vê seu corpo subir as rampas do Planalto levado pelo povo que o queria vê-lo ali, não inerte, mas vivo para cumprir sua profecia de transformar esta Nação num imenso campo de pessoas felizes. Como foi triste receber Tancredo desse jeito. Não era assim que a gente queria, meu Deus.

Flávio Thadeu



As mãos dadas como símbolo de uma união pregada pelo artífice da Nova República



Na pacífica desordem estabelecida, a homenagem espontânea das crianças ao pai da Nação